

Cadeias Produtivas Solidárias

Euclides André Mance
IFiL, Curitiba, 11/2002

Definição Sintética

As cadeias produtivas compõem todas as etapas realizadas para elaborar, distribuir e comercializar um bem ou serviço até o seu consumo final. Algumas concepções aí também integram o financiamento, desenvolvimento e publicidade do produto, considerando que tais custos compõem o custo final e lhe incorporam valor a ser recuperado graças à venda do produto. Em outras palavras, uma cadeia produtiva pode ser mapeada, levantando-se os itens que foram consumidos ou realizados para a produção de um bem ou serviço. Quando consideramos as cadeias produtivas em economia de rede, partimos sempre do consumo final e produtivo, para então compreendermos as conexões e fluxos de matérias, informações e valores que circulam nas diversas etapas produtivas em seu processo de realimentação. A reorganização solidária das cadeias produtivas, sob a lógica da abundância, amplia os benefícios sociais dos empreendimentos em função da distribuição de riqueza que operam visando sustentar o consumo nas próprias redes.

Atualidade e Importância. Principais Controvérsias

Os sistemas de rede na economia solidária nem sempre dão maior importância à análise e recomposição das cadeias produtivas. Práticas de Fair Trade, em geral, não exigem a certificação dos fornecedores de insumo, mas apenas que o

empreendimento produtivo, que gera o bem a ser consumido, respeite os critérios éticos e ambientais requeridos. Redes de Troca, igualmente, centrando a atenção no momento do intercâmbio, não estabelecem uma estratégia global de interferência sobre as cadeias produtivas.

Outras redes mais complexas, entretanto, que integram organizações solidárias de crédito, consumo, produção, comércio e serviços, passaram a refletir sobre as melhores estratégias de expansão e consolidação dessas redes, chegando-se à percepção da necessidade de remontar solidariamente as cadeias produtivas. Essa progressiva remontagem possibilitaria à economia solidária converter-se paulatinamente no modo de produção socialmente hegemônico e não apenas em uma esfera de atividade econômica de segunda ordem, paleativa ou complementar, destinada apenas a atender populações pobres ou marginalizadas pelos movimentos dos capitais.

A idéia básica dessa remontagem, consiste em substituir fornecedores de insumo que operem sob a lógica do capital por fornecedores que operem sob a lógica da economia solidária; substituir insumos elaborados de maneira ecologicamente incorreta, por outros elaborados de maneira ecologicamente sustentável. Isso possibilitaria uma correção de fluxos de valores (ver FLUXOS ECONÔMICOS), o empoderamento cada vez maior da economia solidária e a propagação de um desenvolvimento socialmente justo e ecologicamente sustentável.

A forma proposta para tanto não é de um planejamento centralizado, que pretenda planificar a intervenção de todos os atores que operem em uma cadeia produtiva completa de um

determinado bem. A estratégia é mais complexa e simples. Cabe aos diversos operadores solidários que atuam na cadeia produtiva darem preferência a fornecedores solidários, onde eles existam, substituindo insumos visando alcançar o objetivo da sustentabilidade ecológica e social. Onde tais fornecedores ou insumos não existam, cabe às redes locais montar empreendimentos que possam produzir os itens demandados. Quando os investimentos requeridos extrapolam as condições das redes locais, ou o consumo da rede local é insuficiente para manter o faturamento necessário à viabilidade do novo empreendimento, cabe às redes regionais avaliar as melhores alternativas, e assim em âmbitos de abrangência horizontais cada vez maiores.

Para a remontagem solidária das cadeias produtivas, a organização do consumo final e produtivo é fundamental. A prática das cooperativas de consumo e de outras formas organizativas de consumidores mostra que a organização dos consumidores permite elevar o poder aquisitivo de suas rendas e melhorar a sua qualidade de vida, ao mesmo tempo em que – quando fazem parte de redes solidárias – viabilizam a comercialização de produtos elaborados em empreendimentos solidários. A novidade, desse sistema está pois em que, a partir do consumo final e produtivo, podem ser remontadas as cadeias produtivas de maneira solidária, na medida em que os empreendimentos fornecedores são selecionados com base em aspectos técnicos, ambientais e sociais. Essa seleção baseia-se na percepção de que o valor pago pelo consumidor, referente ao produto final, é o que permite não apenas girar a produção das empresas que vendem o produto final, mas também girar, mediatemente, a produção dos diversos operadores que fornecem algum insumo incorporado no produto final consumido ou algum outro elemento utilizado no processo de produção daquele bem ou serviço. Assim, é o consumo do produto final o que garante às

empresas, cujos produtos são vendidos na ponta dessa cadeia, faturar e apurar o lucro com essa parcela de produtos consumida. Entretanto, na medida em que a rede solidária vai remontando esta cadeia produtiva, criando empreendimentos que atuem como fornecedores, o lucro que anteriormente era acumulado nesses segmentos da cadeia produtiva, converte-se então em excedente que passa a realimentar a expansão da própria rede. Assim, uma rede, organizando empreendimentos capazes de gerar um certo volume de excedente, pode crescer reinvestindo coletivamente tais excedentes, montando novos empreendimentos e remontando a cadeia produtiva do próprio produto final. Desse modo, vendendo-se a mesma quantidade de produto final, pode-se ampliar o número de trabalhadores integrados na rede, o número de empreendimentos produtivos solidários, o volume de renda distribuído na rede em remuneração do trabalho, os excedentes gerados na rede e o seu patrimônio.

Com a finalidade de promover a correção de fluxos de valores, assegurar o bem viver dos consumidores e ampliar a possibilidade de sustentação dos empreendimentos, propõe-se diversificar a oferta de produtos finais, possibilitando que os empreendimentos de base possam estar simultaneamente integrados em várias cadeias produtivas solidárias. Graças a essas múltiplas conexões e fluxos em rede, esses empreendimentos tornam-se sustentáveis atendendo a um significativo volume de demandas estáveis.

Desse modo, criam-se as condições requeridas para suplantar progressivamente as relações de acumulação capitalista e expandir relações de produção e consumo solidárias, compartilhando os excedentes produzidos, gerando novas oportunidades de trabalho, incrementando o consumo dos participantes e gerando uma grande diversidade de produtos e

serviços que garantam o bem viver de todos os que praticam o trabalho e o consumo solidário.

Referências

MANCE, Euclides André. "Cadeias Produtivas em Economia de Rede". Revista Candeia, Ano I, N.1, 2000

MANCE, Euclides André. *Redes de Colaboração Solidária*. (Objecção 10). Petrópolis, Ed. Vozes, 2002, p.